

Nas trilhas de Moduan Matus: A Baixada Fluminense como um lugar poético

Idemburgo Pereira Frazão Félix¹
Gabriela Maria Inácio²

Resumo

Atualmente, tem-se dado, nos estudos das ciências humanas, uma maior destaque a questões relacionadas ao lugar, às identidades, às marginalidades, ao pertencimento, entre outras. Essas questões trazem reflexões a respeito da sociedade em geral e tem recebido bastante atenção, mais especificamente, na literatura contemporânea. É possível perceber a presença das questões citadas nas abordagens poéticas e nas reflexões de um poeta pouco conhecido pelo grande público: o iguaçuano Moduan Matus. Neste artigo, intenta-se refletir sobre a importância da obra desse autor baixadense, de seu lugar e do lugar de sua poesia, utilizando, para isso, estudos de autores como o Jamaicano Stuart Hall, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman e do geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan, em suas obras sobre a identidade e lugar, no que se refere a questões como: identidades, lugar e pertencimento.

Palavras-chave: Lugar; Identidade; Marginalidade; Poesia; Pertencimento.

Abstract

Currently, in the studies of human sciences, there has been a greater emphasis on issues related to place, identities, marginalities, belonging, among others. These questions bring reflections about society in general and have received much attention, more specifically, in contemporary literature. It is possible to perceive the presence of the questions mentioned in the poetic approaches and in the reflections of a poet little known by the general public: Moduan Matus, born in the city of Nova Iguaçu. This article intends to reflect on the importance of the word of this author, his place and the place of his poetry, using, for this, studies of authors such as Stuart Hall, Zygmunt Bauman and Yi-fu Tuan in his works on identity and place, regarding issues such as: identities, place and belongs.

Keywords: place; identity; marginality; poetry; belonging.

Introdução

Desde o início do terceiro milênio, tem sido muito abordada a questão das identidades, mas não mais pelo viés das nacionalidades, do prisma das identidades

¹ Docente do programa de pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes (Unigranrio). E-mail: jdfrazao@uol.com.br

² Iniciação Científica Funadesp (Graduação em Letras – Unigranrio)

nacionais. A identidade, atualmente, não tem sido resumida somente ao ponto de vista da nacionalidade, assim também como lugar não tem sido resumido à questão da nação. As reflexões sobre identidade e lugar têm levado alguns autores a pensar, também, na problemática das marginalidades. É preciso esclarecer, de imediato, que ser marginal, no sentido aqui tratado, não se relaciona a transgressões sociais ou jurídicas. Entende-se, neste artigo, a questão das marginalidades, no sentido de algo ou alguém que está às margens da sociedade, que, portanto, não está situado no centro, por não se encaixar nos padrões impostos pela própria, por não pertencer ao lugar em que aqueles que são aceitos socialmente se fazem presentes.

Nós (seres humanos) possuímos muitas identidades, e as questões que integram esse quesito são: a raça, a religião, a profissão, o gênero, a sexualidade, entre outras. Quando o indivíduo se distingue nas questões em que a sociedade coloca como padrão, este sujeito é visto como minoria, como marginal.

Nesse sentido, em se tratando do sentido marginal, há um município, situado na Baixada Fluminense, na periferia do Rio de Janeiro, chamado Nova Iguaçu, em que reside um poeta, que adotou, no período da repressão da Ditadura Civil Militar, no Brasil, o pseudônimo de Moduan Matus. Ele não apenas vive lá, como nasceu e cresceu neste lugar. Há outros locais periféricos em que também encontraremos essas pessoas que vivem à margem, no Estado do Rio de Janeiro, nos bairros da zona norte, nas chamadas comunidades.

Sabemos que não apenas no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense são locais nos quais estão os excluídos. Como outro exemplo, podemos citar a periferia de Curitiba, local em que o Vampiro de Curitiba, Dalton Trevisan, criou um dos mais importantes contos da literatura brasileira: “O Cemitério dos elefantes”. Nessa obra, os excluídos são empurrados para os locais mais periféricos, pois marginal não habita o centro das cidades. E os paquidermes, lerdos e passivos como os elefantes, ficam afundados na lama, e as garrafas são desenhadas pelo narrador como as presas dos elefantes. A elefantíase completa o campo metafórico-semântico centrado na exclusão daqueles que não lutam para transformar aquele espaço em um lugar, um lar.

Edgard Vieira Matos, conhecido como Moduan Matus, nascido em 25 de julho de 1954, retrata a sua realidade e o seu cotidiano (e o de outras pessoas de seu convívio) em suas poesias, abordando questões como identidade e lugar e

dialogando com a marginalidade. Matus escreveu poemas contra a ditadura civil-militar de 1964 e publicava-as a giz nas portas das lojas para que as pessoas, ao passar, pudessem ler seus poemas. Esse ato ficou conhecido como a chamada gização, que atualmente é conhecido como grafite, uma arte que está muito popularizada entre os jovens para expressarem suas ideias, sua realidade, a opressão que a minoria (os marginalizados) sofre, ou seja, nada muito diferente do praticado por Matus.

Um estado social periférico

Atualmente, Moduan Matus publica seus poemas em seu blog na internet, não apenas poemas, mas também, haicais, parlendas, trava-línguas, contos minimalistas e outros tipos de poema, como por exemplo, o poema concreto. Seus poemas não costumam apresentar um título. Nos poemas abaixo, é possível compreender melhor o que vem sendo falado teoricamente neste artigo.

Um estado social periférico estereotipado em;
Deáreadogrande rionuncapassará
Sabequesuburbanosempreserá
Esenãofizerporsininguémfará.
Assentou-se as microrregiões
Na mesorregião baixadense de verossimilhanças.
E a vida, lagarteando, feito o trem
Sua de sol a sol; buscas:
De alto-estima
De abaixo estigmas
De reconhecimento aguerrido
Ao direito de ir, vir e ver:
Sol brilhar, gente crescer
Igualdade pertencer, ser cúmplice do lugar.

(Moduan Matus, 2019)

Nesse poema sem título dado pelo autor, mas que será chamado por nós de “Um Estado Social Periférico”, Moduan traz uma visão da realidade de um marginalizado, abordando identidade e lugar através de seus versos. Já no primeiro verso é como se fosse um aviso sobre o que o eu-lírico irá dizer no poema (já que não possui um título), deixando subentendido que será em torno da palavra “estereótipo”.

Nos quatro primeiros versos, o eu-lírico está reproduzindo a fala da sociedade para um marginalizado, neste caso, diretamente aos que moram na Baixada Fluminense, e estes versos estão com as palavras juntas porque é como se fosse tudo unificado, uma coisa só, assim como um periférico, um suburbano é definido como uma coisa só. No segundo verso, “Deáreadograndeionuncapassará”, deduz-se que uma pessoa moradora da Baixada, do Grande Rio, não pode ir mais longe, limitando-a somente naquele lugar.

No terceiro e quarto versos, “Sabequesuburbandosempre será/ Esenãofizerporsininguémfará”, o eu lírico parece querer exprimir que uma pessoa, por ser suburbana, moradora de cidades menores, periféricas, por possuir essa identidade, terá que lutar pelo que quer, pois é possível que ninguém a ajude. Sua área, seu lugar, seu território será sempre a Baixada, e ela não irá além, não alcançará outros espaços tidos como mais importantes.

No quinto e sexto verso, o eu-lírico está se referindo de modo direto à Baixada Fluminense e aos seus municípios como algo verossímil, semelhante à verdade.

Do sétimo ao décimo quarto versos, podemos notar uma interligação. No sétimo verso, por exemplo, o eu-lírico afirma: “E a vida, lagarteando, feito o trem”. Assim, ele define como é a vida e a compara a um trem, que passa por estações assim como a nossa vida. E nos versos adiante, há uma descrição da luta para fugir desse estereótipo. No décimo quarto verso “Igualdade pertencer, ser cúmplice do lugar”, remete à ideia de ser parte do lugar, ser parte da Baixada Fluminense.

A noite na Baixada

O outro poema que analisaremos, também sem título dado pelo autor, será aqui denominado de “A Noite na Baixada”. Por meio de sua interpretação, veremos uma diferença em relação ao poema anterior, apesar de ambos tratarem do mesmo assunto: Identidade.

Este poema se diferencia pelo fato de trazer um sentimento de nostalgia. Nele, Moduan Matus faz referência à época em que iniciou a publicação/divulgação de seus poemas.

Entrando pela noite na Baixada
Uma profusão de letras
Marcam a segunda década
Movimentando saraus
Inspirando madrugadas
Em desabrochados poemas pelas estradas.
E que tanto de ideias
Saem daqui para ali
Andam de cá para acolá

Feito buzzmarketing
A se propagar
Já são tantos poetas
O indicar em tantas setas
Que chegam a coincidir
E o insight existir
Para decidir aonde ir
Meio a tanto chegar.

(Moduan Matus, 2019)

O poema é formado por duas estrofes. A primeira remete ao tempo da gização, movimento do qual Matus fez parte, na Baixada Fluminense. Ao analisarmos as duas estrofes, veremos que se trata do poeta no poema. Temos, portanto, uma metapoesia. Cabe, nesse momento, apontar para a importância da Gização (FRAZÃO, 2017, p. 15) para a literatura brasileira, pois se insere em um momento em que vários poetas buscaram formas alternativas para criar e divulgar seus trabalhos artísticos. Trata-se da literatura marginal da década de 1970, tema sobre o qual comentaremos mais à frente.

Ao analisarmos a primeira estrofe, o eu-lírico descreve o que ele vê à noite pela Baixada Fluminense. O verso: “Uma profusão de letras” refere-se referindo aos diversos poemas, ou seja, o eu-lírico vê uma abundância de poemas.

Do terceiro ao sexto verso, o eu-lírico sintetiza o que estava acontecendo naquela noite e o que aqueles poemas estavam fazendo: “Movimentando saraus”. E, para concluir, a primeira estrofe (do sétimo ao nono verso) revela o que acontecia nesses saraus: a criação de poemas pelos poetas (frequentadores) que compartilhavam entre si as suas ideias e os seus pensamentos.

Na segunda estrofe, do décimo ao décimo quarto verso, ao utilizar o termo “buzzmarketing, o eu-lírico se refere à divulgação desses poemas escritos pelos poetas que estavam presentes nos saraus.

Do décimo quinto ao décimo sétimo verso, o eu-lírico busca entender para onde irão esses poemas em meio a chegada de tantos outros.

Moduan usa as palavras em inglês *buzzmarketing* e *insight* remetendo a uma linguagem da internet. As palavras podem ser traduzidas como propaganda (*buzzmarketing*) e luz, iluminação ou, o que se encaixaria melhor com a proposta do poema, a palavra “estalo”, no caso do *insight*. É interessante a forma como o escritor usa palavras de outra língua para dar beleza ao poema.

A questão do lugar e da identidade

Um ser humano não possui apenas uma identidade. Em realidade, possuímos múltiplas identidades. Segundo Stuart Hall (2015, p. 12) “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.”. Assim, poderíamos afirmar que o sujeito possui, no mínimo, duas identidades: uma interna e outra externa. O que nós somos por fora e mostramos para o mundo (externa(s)) e o que nós realmente somos por dentro e somente nós nos conhecemos (interna).

E não podemos tratar sobre identidade, sem refletimos sobre a questão do lugar. Lugar e identidade estão ligados. O polonês Zygmunt Bauman afirma que:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Contudo, pertencer a um lugar – embora não determine diretamente quem é o sujeito, como se afirmava, no século XIX, no período de vigência do realismo-naturalismo na literatura brasileira – deixa marcas nas atitudes, na linguagem, enfim, influenciando os cidadãos. Se um indivíduo mora numa comunidade - no sentido conferido, no Brasil, aos espaços sociais ocupados por pessoas de baixo poder aquisitivo -, pode ser visto de forma negativa. Talvez seja tratado como pobre, sem estudo e bandido. Porém, se vive na zona sul do Rio de Janeiro, por exemplo, seu *status* se modifica. É visto como alguém bem-sucedido, educado e culto. Portanto:

Pertencer a um determinado “lugar”, ou comunidade (no sentido europeu), em locais centrais, como a Polônia - o caso de Bauman -, ou à Jamaica - caso de Hall -, diferencia-se bastante de pertencer a uma comunidade, no sentido brasileiro. Ou seja, o pertencimento a uma comunidade como o Capão redondo, o Complexo do Alemão, ou à Baixada Fluminense, situa, ou liga, de imediato, o sujeito a um estigma, a uma visão ou condição, se não de excluído, de subalterno, no sentido que lhe dá Gayatri Spivak, em seu ‘artigo-livro’ *Pode o Subalterno falar* (2014) (FRAZÃO, 2017)

Partindo da questão da subalternidade, cabe salientar que o termo “pobre” é, geralmente, utilizado para denominar as pessoas que vivem nas chamadas “comunidades”. É assim também a maneira como o escritor, historiador, Joel Rufino, trata, em sua obra *Épuras do Social, Como pode o intelectual trabalhar para os pobres* (SANTOS, 2004) da questão dos pobres, fazendo uso, efetivamente da palavra “pobre”, para definir, sem eufemismos, sujeitos provenientes das classes C, D e E.

No que diz respeito à discriminação, direta ou indireta sofrida pelos pobres, e mais ainda, pelos negros, acrescenta-se que, se esse indivíduo, morador da comunidade, estudar, subir de nível social/financeiro e for morar na zona sul, a sociedade passará a enxergá-lo de forma diferente, mesmo que ele possa não se sentir pertencente, de fato, àquele lugar. Na verdade, o olhar sobre o pobre, favelado, permanece marcado pelo estigma da inferioridade. E muitos egressos das comunidades podem perceber que, mesmo ascendendo socialmente, tais estigmas não se extinguem.

A palavra “lugar” possui diferentes significados. Por exemplo: pode significar destino, cargo, localidade e ainda espaço. Aqui, gostaríamos de enfatizar a afirmação de Yi-Fu Tuan sobre o tema (2013, p. 169): “Lugar é uma pausa no movimento”. Assim, um lugar, um espaço, ultrapassa a dimensão do físico, aplicando-se ao conceito de espacialidade:

Espacialidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado (...). (TUAN, 2013, p. 70)

De acordo com esta afirmação, quem tem espaço possui liberdade. Com isso, ser livre torna-se difícil para uma pessoa “marginalizada”, pois ela se sente prisioneira, seja no que diz respeito a um estereótipo, condição social, escolaridade etc. Para sentir-se realmente livre, é preciso que o indivíduo encontre seu lugar e

seu espaço, sem se deixar levar pelas pressões sociais. Quem se vê em um lugar pequeno, muitas vezes, se sente preso. Entretanto, a sensação de ter espaço pode se confundir com o sentimento de liberdade. Ter um lugar nos traz a sensação de acolhimento. Há ainda a impressão de o sujeito encontrará refúgio nesse lugar ainda porque estará junto a outras pessoas que também ali estão.

Nesse sentido, o lugar tem um papel fundamental na sociedade. Por isso, é preciso falar, discutir sobre a marginalidade, sobre a questão do preconceito, da identidade, da diversidade, da liberdade e do lugar, para compreendermos quem nós somos e como somos vistos.

Moduan Matus, como já foi citado, trata dessa questão de ser marginal justamente por ele viver às margens, com outras pessoas também marginalizadas. Matus conhece bem essa realidade, pois vive em Nova Iguaçu desde que nasceu.

O termo marginal é utilizado aqui no sentido do que está à margem, portanto, fora do eixo, do centro de expectativas. Não se trata, portanto, de algo fora da lei ou das normas sociais. A socióloga Érica Peçanha do Nascimento - que estuda o movimento dos escritores Marginais de Periferia (2009) - aponta para as diversas nuances do termo marginal na literatura brasileira. Há os poetas marginais da década de 1970, caracterizados por não se filiarem a grandes editoras e pertencerem à classe média. Já os escritores marginais de periferia, domiciliados no Capão Redondo, comunidade do Estado de São Paulo, não pertencem à classe média. Também se costuma tratar como marginais autores cujas obras retratam espaços periféricos, como é o caso de Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, e, para citar uma escritora importante, mais recente, Conceição Evaristo.

No caso de Moduan, acrescenta-se que a menção à marginalidade se refere não a uma fuga do espaço de nascimento do poeta, mas à sua maneira de assumir tal marginalidade como tema e estratégia ficcional e de vida. Além de ter pertencido à chamada literatura Marginal da década de 1970, Moduan se mantém na resistência poética, realizando saraus em locais alternativos, sendo o mais importante deles o quintal de sua casa, em Nova Iguaçu.

Conclusão

As reflexões realizadas aqui nos permitem abrir a mente para compreender um pouco mais sobre o mundo, sobre a nossa realidade e sobre a sociedade à qual pertencemos. Refletir sobre tudo isso é importante por conta do período social e político em que estamos vivendo, e também para sabermos em que direção isto está nos levando em relação ao futuro.

Entender a questão da identidade e do lugar torna possível assimilarmos melhor o que é ser marginal e o que é a marginalidade. Estudar a marginalidade nos faz compreender situações que fazem parte de nossa sociedade e para as quais, muitas vezes, fechamos os olhos para não ver. Um escritor que vive nas margens, que escreve poesia, estando, de fato nessa condição é fundamental, tanto para o nosso cotidiano quanto para a nossa literatura.

Ter o entendimento de quem nós somos e a consciência do lugar em que nos leva a compreender a grande importância da poesia em nossas vidas e o quanto ela é necessária para a nossa evolução como seres humanos. Moduan Matus é um escritor do mundo, sua obra ultrapassa os muros identitários, mas, sem dúvida, permite que se ampliem as reflexões sobre a Baixada Fluminense como um lugar, um lar, como diria Yi-Fu Tuan, e não um mero espaço de passagem, um não lugar, para utilizar o termo cunhado por Marc-Augé (2012).

Referências

AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9 ed. Campinas, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão. Território Inóspito? Reflexões sobre o lugar na (da) poesia de Moduan Matus. In: FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão; RANGEL, Patrícia Luisa Nogueira. *Às Margens: Literatura, identidade e marginalidades em questão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. *O lugar nas margens: uma introdução ao estudo da obra do poeta Baixadense Moduan Matus*. XV Congresso ABRALIC., 2016. Anais.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MATUS, Moduan. *Blog do autor*. <https://moduanmatus.blogspot.com/>. Acesso em: 20/11/2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras Social. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global: 2004.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013